

INTERIOR.

CHRONICA ADMINISTRATIVA.

Nada de importante tem occorrido, nada de interessante contém as paginas do *Correio Official*. Apenas nelle achamos que pela repartição do imperio fora comprado e remettido para o curso juridico de S. Paulo um jogo de de mappas geographicos, promettendo-se que quando se offerecer occasião opportuna se tractará da compra do atlas de Stechter, e mandando-se outrosim animar o professor de historia e geographia, annexo áquelle curso a que prosiga na sua traheção do compendio de historia natural de Poelitz, ficando na certeza que o governo tomará a seu cuidado as despesas da publicação. Além desse aviso vemos mais dois decretos do ministerio da marinha concedendo varias reformas por incapacidade para o serviço á alguns capitães, e a um 2.º tenente da armada em consequencia de grave molestia que adquirira no serviço. No ministerio da justiça vemos a nomeação de um juiz de direito para Goyaz, a remoção de outro da comarca do Pará para a do Penedo, e a demissão concedida ao dr. Saturnino de Souza e Oliveira do logar de promotor fiscal.

— As eleições para senador é o que de mais importante tem occupado os espiritos nestes ultimos dias, o resultado da operação das votações de alguns collegios, por ora conhecidos é o seguinte.

	Votos.
José Bernardino Baptista Pereira.	203
Pedro de Araujo Lima.	196
Martim Francisco Ribeiro de Andrade.	195
José Clemente Pereira.	193
Francisco de Lima e Silva.	192

FOLHA LITTERARIA.

QUARTA FEIRA DE CINZA.

Depois da loucura a meditação, depois do peccado a penitencia, depois de festivas comezainas o jejum, depois das indigestões a dieta, depois do entruído a quaresma. Bem razão tinha Mr. de Azais, quando escrevia seu systema das compensações, dessas leis eternas que regulam o mundo physico intellectual e moral; — *Les jours se suivent, mais ne se ressemblent pas*, os dias são irmãos, mas nem todos tem a mesma cara, *facies non omnibus una*. Foram de certo esses pensamentos philosophicos que levaram a antepôr o jovial entruído, essas saturnaes do paganismo redivivo, á triste e macilenta quaresma do peixiphago (*) christão

(*) Talvez que algum censor-philologo me critiqua a nova composição desta palavra por entrarem nella vocabulos de lingua diversa — *peixe* — que é

Lucio Soares Teixeira de Gouveia. . . 188
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. . . 181
Bernardo Pereira de Vasconcellos. . . 135

— Apesar das reiteradas prohibições, das multiplicações de editaes, &c., nunca o jogo do entruído esteve mais activo do que este anno. Consta-nos que um juiz de paz tendo levado um linhão de cera no acto em que rondava seu districto, entrou em caza do infractor da postura para actual-o: apesar de sua autoridade, apesar de suas insignias, elle ali foi recebido com linhões e laranginhas, e teve de retirar-se molhado e remolhado; deixando os desobedientes continuarem no seus jogos. As leis são impotentes quando encontram costumes velhos e enraizados.

— As ultimas noticias de Sergipe são bem pouco satisfatorias: o sangue Brasileiro já principiou á correr, a guerra civil que de há muito se esperava rebentou. Felizmente por ora a legalidade tem sido victoriosa.

— Há na Europa uma mania, que Deus queira não grasse em nossa terra; queremos fallar das viagens. A primeira coisa que deve fazer um individuo logo que sahe das universalidades é viajar, e como nem sempre possui bom cabedal de conhecimentos, suas observações são superficiaes, mentirosas e destituidas do espirito de rectidão que deve sempre acompanhar os viajantes. Alguns extrangeiros tem vindo a nossa terra com o intuito de observar, o por desgraça, parece que o podemos affirmar afoitamente, o que mais procuram, o que mais indagam são dados que possam servir á historia natural: — o que pertence á moral, á civilisação fica esquecido ou é esboçado com todo o character da precipitação, inimiga da verdade em negocio tão ponderoso.

Um Francez, que aqui esteve no Rio de

Cer o, amigo leitor, vendo o titulo de minha folha, suppondes que usurpando alheias attribuições, vou erigir este appendice em pulpito, e delle fulminar o terrivel — *memento quia pulvis es*. Fallando-vos com franqueza, (bem que para isso me não ache authorizado) essa era minha intenção, mas recordei-me em tempo que me não devia virar coadjutor gratuito de vosso vigario, e dirigindo-vos a homelia que vos elle deve, fazer-vos lembrar — *quia pulvis es, et in pulverem reverteris*. Recordei-me que talvez ireis hoje á missa, — bem que essa pratica vá cahindo ou tenha cahido em desuso; — e que levereis na testa vossa cruzinha de cinzas e ouvireis vosso sermãozinho; recordei-me que provavelmente

portuguez, e *phago* que vem do grego: talvez que elle me lembre que devo dizer — *ictyophago*, — sob pretexto que assim se chama o *comilão de peixe*; mas como nem todos entendem grego, perdoades-me há meu neologismo.

Janeiro, chegando á França, escrevem a historia de sua estada no Brazil, e entre outras cousas disse, que a provincia do Rio Grande do Sul *produzia* trigo sufficiente para abastecer d'este grão o mundo inteiro. Mentira é esta que nos engrandece, mas nem por isso diremos que não é mentira. Outro, e este tem creditos de muito amigo dos Brasileiros, em uma campanha em que se achava em Pariz ou no Havre, fallando das Brasileiras, disse, que ellas eram dadas ao vicio da embriaguez. Valeu-nos que na companhia havia um Brasileiro, hoje residente no Rio de Janeiro e que pôde testificar o facto, o qual combaten o Francez victoriosamente.

Não admira porém que estes homens vendam tão despejadamente tantas mentiras: alguns por especulação escrevem a historia d'um paiz que não conhecem, e menos é conhecido na Europa; outros são charlatães e querem encher suas viagens de narrações extravagantes; outros finalmente escrevem superficialmente, levados das primeiras impressões, e das informações que lhes transmittem, tão exactas como as suas viagens. Parece-nos que n'esta ultima classe está o doutor Meyen, cirurgião prusso, naturalista e historiador da viagem que fez em volta do mundo por objecto commercial o navio *Prinzeza Luiza*. Mais deviamos esperar do doutor Meyen, ou ao menos deixasse-nos e não dissesse a nosso respeito cousas que nos degradam e envilecem aos olhos dos Europeus que se fiam nas viagens.

A 28 de julho de 1830 se fez de vella a *Prinzeza Luiza*. Summa curiosidade, diz o navegante naturalista, se apossou de todos logo que se viram nas costas do Rio de Janeiro, e noite de impaciencia foi a que elles passaram defronte de nossa barra. Depois da descripção do nosso porto, do bello local em que está a cidade edificada, depois de affirmar que o Rio de Janeiro é um dos mais bellos pontos de vista do mundo, o que é já uso antigo de escriptores quando tractam

não tendes tão faminta devoção que vos não fardem sermões, e por todos esses motivos e outros muitos que longo seria deduzir, poupo-vos o meu.

Mas que confusão é essa, em que inextricavel labyrintho de ideias me acho eu mettido! Não, o dia é serio, serio seja nosso pensamento. Mas como? si meu espirito ainda se recorda das folias de hontem! Ainda hontem eu vi feiticieiras laranginhas e linhões de choiro! Ainda hontem por trez vezes clamei: — *Evohe! Io triumphe!* como o bebado folião de Horacio! como, como ficar serio? Mas cumpre que desapareçam essas ideias verde alegres, cumpre que minha imaginação se envolva no escuro manto da tristeza: ideias melancholicas, ideias negras, ideias cor de tinta appareci-me, eu vos invoco; hoje que é dia de vosso dominio, dominae-me! Deito á baixo a livraria, lanço mão de Young, abro-o, e o chorador Young faz-me somno, e o somno traz-me sonhos, sonhos cor de rosa, de bau.

desta cidade: depois de tudo isto, o doutor Meyen diz que foi visitar o mercado de escravos, e fallando do aspecto que offerece a população do Rio de Janeiro diz assim: (Permitta-nos esta traducção o nosso collega do *Correio Official*, e não a censure como fez a respeito do artigo sobre a *sedu das uranhas*.)

„ Ainda antes de amanhecer e pelo dia adiante encontram-se pela cidade milhares de escravos que andam ao ganho: nas praias e pelas ruas se não pôde dar um passo sem que elles se dirijam continuamente ás pessoas que passam. Estes negros são obrigados a sustentar-se e a dar todas as noites um jornal a seus senhores, e o não fazendo o castigo é certo: si porém ganham mais do jornal estipulado, o excedente lhes pertence. Vimos durante nossa estada alguns escravos darem a seus senhores um escudo prusso. Muitos mandam seus escravos trabalhar nas pedreiras visinhas; outros, e é o maior numero, os mandam á caça de insectos, e é este o motivo porque os insectos se vendem tão baratos no Rio de Janeiro. A fome do ganho tem porém aberto canaes de differente genero: a fecundidade das negras é muitas vezes aproveitada, como a dos jumentos: uma negra pejada vende-se por 50 piastras (60\$000 pouco mais ou menos) mais do que não estando, e logo que lhes nascem os filhos são vendidos. Mesmo o leite das negras forma um artigo de commercio, vendem-o por leite de vaca, e é por isso que se não vê leite á meza dos estrangeiros, salvo se elles tem rebanho. ”

Certo tantas falsidades se não podiam acreditar em tão pequeno periodo. Si a maneira porque os escravos ganham para seus senhores foi escripta com animo de stigmatizar a estes com o ferrete de duros e inhumanamente severos, parece-nos que não teve razão o doutor Meyen. Admittida a escravidão, o escravo deve ser considerado como um capital, que deve dar lucro ao seu proprietario, sendo este relativo á maior exigencia e menor offercimento de serviços; e em um paiz em que há escravos os transportes de pequenas cousas d'um a outro ponto das cidades se há de necessariamente fazer por meio d'elles, por ser o menos dispendioso e mais prompto. Si porém isto foi escripto com intenção de mostrar o meio porque se fazem esses pequenos transportes, então permitta-nos o doutor Meyen que lhe digamos,

que a sua observação é inutil por comestinha e fácil de concluir. Diremos aqui de passagem que um ou outro Brasileiro é rigoroso para com seus escravos, mas o maior numero os tracta bem, e que os exemplos de rigor excessivo se encontram mais nas racas do que nas cidades.

Tambem não é verdade que a maior parte dos senhores mande seus escravos apanhar insectos. Pouca gente emprega seus escravos n'este serviço, e querer deduzir d'ahi a barateza porque se elles vendem no Rio de Janeiro, é não ter observado como naturalista. Da variedade e abundancia d'elles é que resulta o baixo preço, e não porque muitos se empreguem em apanha-los. Appelham a este respeito para os estrangeiros esclarecidos e honrados que existem no Rio de Janeiro.

Não menos falso é o que diz o dr. Meyen a respeito das negras pejadas: o comprador sempre a julga em perigo e por isso tracta de a comprar mais barata: 50\$ a 60\$ r.s. menos se dá por uma escrava n'esse estado, e é elle causa de muitos se desgostarem de escravas, alias de merecimento. Por certo enganaram o dr. Meyen. O que porém não entendemos é a venda das crias logo depois que nascem; quem as compra n'esse estado, e para que? Si a venda é por cauza do lucro, é certo que aquelles que tiverem anna as não comprarão, — que a compra d'uma cria logo que nasce suppõe a posse da ama para a criar, e as compras e vendas são sempre feitas em vantagem do comprador e vendedor. Si a venda se effecua para vender o leite por leite de vaca, é claro que este negocio dá mais lucro que o de criar e por consequencia ninguém ou poucos comprarão as crias. Finalmente esta observação do dr. Meyen é tão falsa como infundada: além de que podemos afirmar que si algum ha tão sordido que por tão pequeno lucro cometta acções tão vis, certo não são Brasileiros, — que seu fraco é estimar em demasia suas crias.

Quanto á venda de leite de gente por leite de vaca, aos patricios do dr. Meyen, e aos estrangeiros que residiram e residem no Brazil, deixamos o cuidado de desmentil-o. O dr. Meyen será muito exacto na relação de sua viagem em volta do mundo a outros respeitos, mas pelo que toca ao Brazil é um impudente mentiroso.

Si algum dos nossos leitores duvidar do

que deixamos transcripto da relação da viagem do dr. Meyen, achará na *Typographia* d'este jornal a *Revista Britanica* de Janeiro de 1836 e se desengará, lendo o artigo traducido da *Foreign and Quarterly Review*.

JORNALISMO.

4 de fevereiro de 1837.

No *Diario do Rio o Cincinato* occupa-se longamente com o *Correio Official* sobre escolha de novos ministros, de homens de precedentes, ou de novas capacidades que convém experimentar. Quanto sentimos a tal respeito já temos emitido, ocioso é reproduzilo agora. Da depois noticias do Rio Grande, protesta que elle *Cincinato* não é quem suppõe o *Correio Official*, — nem senador, nem deputado geral, nem provincial, nem eleitor, nem juiz de paz, nem advogado, nem cazador: o *Cincinato* como o *Junius* da velha Inglaterra quer roubar-se inteiramente aos triumphos que for merecendo, livre lh'o seja: cada qual enterra seu pae como quer. — Depois nosso collega diz que muito gostou de nosso artigo sobre o estado do Brazil, mas que não concorda connosco sobre algumas das idéas que apresentamos nos artigos de colonisação. Agradecemos a nosso collega, e confessamos que não nos espanta sua declaração; já de há muito que presentimos que há divergencia entre nosso collega e nós sobre alguns pontos de economia interna, e sobretudo no modo de encarar a população brasileira; esperamos pois pela discussão, promptos a confessar-nos convencidos, si os argumentos de nosso collega nos convencerem. Uma congratulação ao *Republico* pelas noticias do Rio Grande, e em que lhe declara que é brasileiro nato: um apontado das nullidades que houveram nas eleições das provincias do norte, e com especialidade na da Parahyba terminam com os annuncios, e de claracões do costume a materia deste numero.

O *Jornal do Commercio* cessou de nos masar com a derrota dos seus patricios na Africa, hoje traz um extracto da longa mensagem de — Rosas — aos representantes de Buenos-Ayres: ahy apenas notaremos duas cousinhas. Rosas não é hypocrita, reconhece que cabalou abertamente para as eleições, dirigindo pelas provincias a magistrados respeitaveis, e a cidadãos probos listas da gente

quetes, de danças, de muzicas. Disperto, consulto as maximas do marquez de Maricá, lêio reproduzidas em estylo laconico e conceituoso boas verdades, de que todos audamos esquecidos, mas nessa amaldiçoada hora as caveiras dos mortos não querem desencantar-me das cabeças dos vivos. Chega o *Correio Official* e (á cata de tristeza) lanço-me sobre suas columnas, esperando achar estampado algum desvario ministerial, que heracilitamente engrossado me faça ver no futuro a auiquiação da patria, a perda do Brasil, e assim epanque o inoportuno humor de Democrito que me atormenta. Mas qual! Nem si quer esse gostinho me quizeram dar ss. cexx. as Maldictos!

Ora porque motivo não estarão o riso, e lagrimas a nossa disposição? porque obedecem á uma potencia occulta, independente de nossa vontade? Porque motivo a moderna chimica não quiz ainda descolir algum extracto do

lagrimas e de riso, que engarrafasse, e vendesse em frasquinhos como essencia de roas? Que extracção não teria esse genero! A chusma dos collateraes, que por morte de algum velho avaro passam de pobres á ricos, quantos vidrinhos de essencia de lagrimas não compraria? Quantos não gastaria a viuva moça e inconsolavel de algum velho casmurão? E por outro lado quantas essencias de riso se não venderiam? O pingante que sem ter um viutem na algebera quer imposturar de rico, de feliz e alegre, quantos frasquinhos gastaria para disfarçar a fome, — esse unico hospede — que se agasalha em seu estomago? Como delles não faria abundante provisão o ministro que quer encobrir as zangas que lhe causam as continuas *alfinetadas* da imprensa livre? Quantos não compraria o pobre jornalista que tem de fazer boa cara a mau jogo, quando vê mal interpretadas suas palavras, atacado o seu character? Elle, que

não tem peito de bronze para despontar todas as setas da malignidade. Elle, que se afflige, e que se não deve affligir! Oh! é um supplicio inappreciavel, ter na cara a serenidade e a alegria, no coração a ruiva e o desgosto, por fóra o céo, por dentro o inferno! Oh! que não descobre já algum chimico o segredo de engarrafar tristezas e alegrias, risos e lagrimas!

Mas como andas desviado de teu assumpto? já te não lembras que intitulaste tua folha — *Quarta feira de cinza*? — Já te não lembras do que te reza hoje tua sancta igreja? — E's pó, te diz ella, em pó te hasde tornar. — Eia pois sobre esse thema, deves fazer-nos uma amplificação de rhethorica e deixa-te de chimicas, de garrafas de tristeza, de collateraes, de viuvas e de ministros, cinge-te á teu texto: não loste nas maximas do marquez de Maricá essa triste e singela verdade: — Enquanto discutimos sobre a melhor

que queria que viesse eleita. Este facto não carece reflexões.

O outro é a introdução authorisada pelo governo do alguns jesuitas, a quem se entregou sua antiga caza, authorisando-os a viver em communidade. Varios são os juizos dos homens sobre esta ordem monastica, a que o dictador agradece por antigos beneficios abriu as cidades de Buenos-Ayres e entregou a educação de seus futuros cidadãos. Si bem obrou, si mal não é este o lugar opportuno para se discutir.

A ultima coisa que notaremos é o pessimo estado das finanças daquelle paiz: entre os rendimentos, e a despesa apparece um deficit de 6,315:124 pesos: e o governo pediu authorisação para contrahir um emprestimo de 17 milhões de pesos, vencendo juro de 6 por cento, e podendo ser contractado a 60 por cento. Certo o systema dictatorial não é vantajoso ás finanças.—Noticias do Rio Grande contendo a narração das festas com que foi celebrada a posse do novo presidente daquelle provincia, que veio reanimar (talvez ephemeramente) os espiritos abatidos da legalidade; extractos dos jornaes de Santa Catharina e da Bahia, e a mais materia de estylo completam esse numero.

O *Correio Official* além dos actos ministeriaes só traz uma acta da camara municipal, editaes e annuncios.

O *Sete de Abril* além de um artigo do *Cincinnati* sobre a exaggeração, e a indifferença em politica, — além de uma correspondencia em que se compara o procedimento do ministro da justiça de 1832 á respeito da prisão do Barata, e do Primo remettidos da Bahia, com o procedimento do actual ministro da mesma repartição acerca dos presos remettidos do Rio Grande, e se censura a ambos, além da critica de algumas phrasas do *Republico*, vem um excellente communicado extrahido do *Parahybuna* sobre a necessidade de uma opposição na camara electiva: a deducção dos raciocinios, a evidencia das conclusões, e as vistas profundas que ellas ostentam recommendam-a á leitura, e á meditação de quantos inda se occupam com questões politicas.

O *Republico*.—Neste numero elle pouco se occupa com os jornaes da opposição: metido em altas questões de politica estrangeira, nosso collega nos explica os progressos da constituição *inexequivel* da Hespanha, e os embaraços de Luiz Philippe que se tem des-

viado dos principios de julho, e por isso vive entre sustos — qual outro Pygmalio. — Não seguiremos nosso collega em seus vãos no campo dos negocios estrangeiros; não examinaremos a *justeza* de suas reflexões, e menos de seus juizos sobre os homens da França, nem de seus elogios á Thiers, de seu anathema á Guizot. Da posição da França quer nosso collega que tomemos escarmanto para que exijamos, que o governo se não *alienie* dos principios de abril. Quiseramos fazer o gosto á nosso collega, e mesmo é porque os governos successores de abril se tem *alienado* dos principios então apregoados, que nos veio nossa crença de que esses principios não eram sinão um engodo, e uma decepção: verdade é que elles nunca foram formulados, e talvez por isso tanto discrepem os juizos sobre elles, convidamos por isso nosso collega, elle—que foi um dos mais ardentes promotores e collabradoros dessa revolução, a que se digae tomar o trabalho de formular agora esses principios.

Em outro artigo recommenda aos electores para senador o snr. Joaquim Gonçalves Ledo; e offerece-se para campeão deste candidato. Não seremos nós por certo que negaremos os serviços deste snr., sobretudo na epocha da independencia, não seremos nós por certo que lhe contestaremos luzes, talentos e merecimentos superiores, todavia espanta-nos que viesse recommendado nas paginas do *Republico*; — sabemos de certo que elle nem é republicano, nem quer democracias no Brazil.

Seguem-se noticias de Texas, dessa provincia que se desligou da união Mexicana para ir implorar dos Estados-Unidos que a admittam em sua federação. O *Republico* dá-nos muito ufano essa noticia porque os — *livres triumpharam*. — Invejára elle a sorte dos livres de Texas? desejará elle que algumas provincias do imperio sigam tão ominoso exemplo, e que os *livres* de algumas provincias, federando-se com o estrangeiro, espedacem o Brazil, e façam desaparecer seu nome do catalogo das nações? esse nome terá o dom de fazer palpitarem o peito? Pedem-nos que lhe demos melhores noticias desses rebeldes, e do que tem feito a ambição dos Estados-Unidos: — não podemos satisfazer tal convite que não temos comprehensão tão vasta como o mundo; basta-nos que estudemos os rebeldes do Brazil, e as ambições de nossos homens. Temos lido, é verdade, algumas noticias desse paiz nos jornaes da Europa del-

ta apenas colligimas que a união de Texas á federação north-americana virá dar muita preponderancia aos estados do Sul e de escuravaria, e ameaçar assim o futuro dos Estados-Unidos. Todavia, confessamos nossa inopia, não podemos correr parellas com nosso collega no mundo da politica estrangeira.

Em outro artigo diz o *Republico* que os escriptores concundis, querem que elle falle mal do Regente: mas que elle o não pôde fazer porque além de ser seu amigo, reconhece que pela constituição do estado é o Regente *inviolavel e sagrado*. O Regente inviolavel e sagrado! isso é muito; por doutrina constitucional o regente é *irresponsavel*, porém inviolavel só o é o Imperador: não extendamos os privilegios, nem confundamos palavras. — O Regente como Regente, como homem publico é irresponsavel,—mas no Regente existe o homem, o homem pôde commetter algum crime, e como não tem inviolabilidade é justicavel. — Todavia, a doutrina do *Republico* mesmo com essa alteração é exacta: — não se deve fallar mal do Regente; mas quem foi o escriptor concunda que tal exigiu do *Republico*? Só o que se lhe pede é que o não comprometta na opinião dos brasileiros, pintando-o como republicano. Continúa seu vôo pelo campo da politica estrangeira; falla-nos de Monte-Video, dos cantões Suissos que armaram duzentos e dous mil homens para metter medo a Luiz Philippe e a Nieslau. Segue-se-lhe uma correspondencia declarando que os signatarios da representação da villa de S. José, contra o snr. Maxado de Oliveira são em grande parte brasileiros de carimbo: e outra em que se relata os soffrimentos dos prezos remettidos de Santa Cruz. Sentimos a fallar verdade que com uma censura tão justa e bem fundada, envolva o correspondente do *Republico* reflexões capazes de tirar-lhes todo o pezo e conceito. Não, os prezos do Rio Grande não são benemeritos patriotas; não, os que insultaram a guerra civil, os que no altar de suas ambições verteram sangue humano não são *patriotas*: mas são homens, e tanto basta para que a humanidade reclame a favor delles. Si é verdade que a prisão em que se acham tantos homens é um calabouço horrivel, como o pinta o correspondente do *Republico*, então censura a mais vehemente deve ser feita a quem não sabe conciliar a justiça e a segurança com a humanidade: é certo os escriptores da opposição não se negarão a fazer

forma de governo, vem a morte e termina a discussão? — Pois bem, combina essas duas verdades, e de sua combinação tira a substancia de tua folha litteraria: rasga o que escreveste, começa de novo.

A tal conselho já ia obedecer, já ia dilacrar quanto estava escripto, quando veio visitar-me um amigo, e descobrindo minha tenção lembrou-me o velho preceito do antigo corregedor do crime de Jerusalem, — o madraço Pilatos, que nunca reformava suas sentenças, nem mesmo quando se lhes oppunham embaraços fundados em justiça, e a tudo respondia com o famoso — *quod scripsi, scripsi*. — Mas, tornei-lhe eu, minha folha litteraria não está, como pede seu titulo, triste, e melancholica, ainda nem si quer uma reflexão escrevi sobre a vaidade da vida, sobre o nada das ambições, sobre as mil e uma paixões-zinhas, que confusamente se remexem em nossos corações, como os vermes impuros do

tumulo no coração dos cadaveros: ainda não mostrei á meus superiores em talento, em poderio, ou em riquezas a igualdade de nossas poeirias, ainda não tomo o vôei da *Agua de Meaux* para declarar aos homens hoje existentes, que cedo delles não existirá mais sinão — um não sei que, que não tem nome em lingua nenhuma dos homens. —

Deixa-te disso, replicou-me meu amigo; não sabes que tudo isso já está velho, se-dição, pizado e repizado? não sabes que todo o mundo já está farto de moralidades que taes, tão corriqueiras como as declamações em pró da liberdade da imprensa nos periodicos da opposição, e contra os abusos da mesma imprensa nos periodicos do governo? deixa-te pois disso, e dá tua folha litteraria tal qual a escreveste.

Demais, si quarta feira de cinzas é dia triste de manhaã, de tarde toma outro aspecto, é risinho e alegre como um dia de

feira: de tarde sahe procissão, e vêm-se garbosos anjinhos nas ruas, garbosos anjinhos nas janellas, e todos empavonados, enfeitados, ornados, bordados, e já esquecidos das lições que lhes deram as cinzas da missa de manhaã. Termina pois tua folha, desejando que teus leitores vão bem casquilhos ver a procissão dos cento e um andores, e contemplar admirados os anjinhos e anjinhãs; que tuas leitoras (si é que as tens, do que muito duvido) vão igualmente bem casquilhas augmentar o numero desses admiraveis anjinhos.

Tomei-lhe o conselho que favorecia minha preguiça, e em descuido dos peccados que commettestes nos ultimos trez dias imponho-vos a penitencia de ler esta folha.

J. J. R.